

Os economistas começaram a lançar documentos na praça prevendo a adoção de um congelamento de preços e salários pelo governo, com o objetivo de derrubar a inflação do patamar de 10% para algo em torno de 5%. O raciocínio destes teóricos da economia é que, hoje, estão colocadas todas as condições técnicas para se aplicar um novo choque: as contas públicas estão ajustadas, os preços relativos estão no caminho de se equilibrarem com a liberação de vários itens, o nível de salário está baixo e o Estado está em condições de praticar juros reais altos no período de congelamento para evitar o consumo.

O problema é que estes analistas ainda não perceberam que o Plano Collor e as pessoas que compõem este novo governo são diferentes. E a teoria aplicada para o combate à inflação não se encontra nos livros. O governo está combinando o equilíbrio das contas do Tesouro e um forte aperto na quantidade de moeda em circulação pela elevação brutal dos juros — mecanismos ortodoxos — com um combate sem tréguas à estrutura de formação de preços praticada pelos agentes econômicos, quebrando os oligopólios e a cultura da indexação. Este processo leva tempo, traz muitas dificuldades no dia-a-dia e necessita também da colaboração da sociedade, pois não são poucas as resistências dos empresários.



Um novo congelamento, que pretende derrubar a inflação de solavanco, torna-se, portanto, improvável à medida que a espinha dorsal do trabalho desta equipe econômica é a coerência na condução do programa. Trabalha-se com a perspectiva de recuperação da confiança dos agentes econômicos. Um congelamento, neste contexto, quebraria todas as expectativas positivas conquistadas até agora.



Um pouco de razão

Aliás, as críticas aos economistas têm boa dose de lógica e de oportunidade. Há um grupo em São Paulo, composto por vários economistas que já foram governo, que se reúne habitualmente para avaliar a conjuntura econômica. Nos encontros há sempre quatro ou cinco dos considerados medalhões, que normalmente dão o tom das análises.

E as conclusões são acompanhadas pelos economistas de menor envergadura, criando uma unidade de discurso que se propaga rapidamente pela comunidade e todos passam a defender a mesma linha de pensamento junto à sociedade. Portanto, os erros e acertos passam a ser coletivos e fica difícil deixar de generalizar os conceitos sobre os economistas. Percebendo isso, porém, alguns economistas estão falando com autonomia, procurando atualizar o discurso de acordo com o que estão vendo, sem temer contrariar as opiniões dos economistas mais famosos. E aí as versões sobre os cenários futuros da economia mudam bastante.